

Um tempo de motivações

Coordenador: Thiago Junqueira Izzo (2012-2014)

Nesta época o curso tinha recentemente recebido a nota 4 e era um momento interessante, pois todos estavam motivados pela conquista. Foi também um momento estratégico para avançar em mais mudanças, ainda necessárias para que pudéssemos continuar melhorando.

As mudanças foram menos drásticas e mais burocráticas que as que levaram o curso ao 4, mas foi um tempo de ajustes dinâmicos. Criamos regras objetivas para procedimentos como credenciamento, recredenciamento e descredenciamento de orientadores, baseados em indicadores concretos e impessoais. Fizemos o mesmo para procedimentos mais simples, via de regra tentando aumentar o nível de impessoalidade e profissionalismo nas regras de trabalho e nos fluxos de processos, pois estes algumas vezes ainda eram marcados por mecanismos mais de "tradição" do que por mecanismos oficiais na instituição.

Estas mudanças aconteciam de forma concomitante com as mudanças nas regras de avaliação da CAPES, exigindo ajustes e adequações a cada reunião de Área, onde se sinalizava o cenário da avaliação seguinte. Assim, critérios que eram de focal importância na avaliação anterior, deixavam de ser na avaliação vindoura. Embora uma grande capacidade adaptativa fosse exigida, é fato que havia concordância geral, uma vez que a Área de Biodiversidade (onde agora se localiza nosso Programa) sempre foi conduzida por cientistas que põem em foco questões realmente pertinentes, sem ações protecionistas.

Do ponto de vista administrativo, o relato de Thiago Izzo nos leva a entender o cuidado que teve no contato pessoal com cada professor credenciado ao longo de sua gestão. Conversava pessoalmente com cada professor diversas vezes, sempre com os critérios da CAPES em mãos, tentando compreender o que a coordenação poderia fazer para estimular ainda mais sua produção científica e seu papel na formação de pessoas. Embora o resultado deste esforço não seja rapidamente detectável e embora nem todos tenham clareza de suas reais limitações, esse contato pessoal facilitava no momento de recrutar pessoas para ajudar nas múltiplas tarefas ou em representações nas diversas situações em que isto é exigido.

O curso de doutorado foi finalmente inaugurado, embora infelizmente não tenha recebido muita atenção da Universidade como um todo. Embora o PPG estivesse em plena expansão e se desenvolvendo rápido, inclusive já com estratégia desenhadas para chegar à nota 5, as dificuldades burocráticas institucionais aumentaram neste período em função das trocas de equipe na gestão superior. A reitoria estava focada em incentivar ensino à distância e a pós-graduação estava aparentemente fora da ótica central do reitorado. As negociações não eram fáceis, principalmente

assumindo o dinamismo da área; o que vemos hoje é um "caminho do meio" entre a exigência institucional superior e o que conseguimos efetivamente fazer.

Mas sempre foi fácil demonstrar a razão pela qual a pós-graduação deveria receber atenção institucional - se não prioritária, pelo menos em igual nível das atividades de graduação presenciais ou à distância, que receberam muito apoio nesta época na UFMT. Assim, Thiago Izzo lembra da publicação do primeiro Ranking da Folha de São Paulo (RUF 2012) em que a posição 51 entre 192 instituições avaliadas, mesmo que ruim, só foi possível pelo elevado nível de produção científica oriundo dos diferentes programas, com contribuição relevante do nosso Programa em Ecologia e Conservação da Biodiversidade.

Do ponto de vista científico, o cenário relatado por Thiago Izzo também era de grande riqueza, caracterizado por uma mudança na concepção dos trabalhos desenvolvidos, que deixaram de ser ideias da literatura replicadas e passaram a representar ideias realmente inovadoras. De forma paralela, com novos doutores e novas ideias, também do ponto de vista geográfico os projetos mudaram: se antes o Pantanal recebia atenção quase que prioritária, projetos desenvolvidos na Amazônia e no Cerrado passaram a fazer parte concreta do dia a dia do programa.

Os projetos integrados se desenvolveram com bastante força, resultando em elevados níveis de produção. Um processo natural de amadurecimento do grupo passou a permitir que o programa como um todo se tornasse mais resiliente, mesmo que ainda faltasse coesão científica teórica e houvesse uma certa redundância em algumas áreas. É possível relacionar a história e a conformação do programa com a própria teoria ecológica: os diferentes tipos de formação científica, as diferentes áreas de atuação e até mesmo os objetivos diversos de pesquisa, embora todos dentro da mesma área de concentração, conferem ao programa uma elevada diversidade, positiva para assimilar impactos negativo pontuais em um ou outro grupo de pesquisa ao longo do tempo.

O PPG, fortalecido, caminhava assim para a nota 5 e para a formação dos primeiros doutores do novo curso autorizado. A Nota 5 chegou com a Avaliação Trienal de 2013.

Naquele triênio a Área de Biodiversidade verificou "...uma progressiva evolução do Programa, especialmente alavancada pela criação do doutorado. Relativamente ao triênio anterior, onde a maioria dos quesitos caracterizou-se como *Bom*, vemos nesta avaliação Trienal uma consistência no conceito *Muito Bom*, assim, resultando em nota 5, segundo os critério da Área de Biodiversidade".

Esta análise foi bastante comemorada pela comunidade acadêmica do nosso PPG.